

Batuque, samba, máscaras e plumas: a arte dos livros de Cecília Meireles e de Noemia Mourão

Wladimir Wagner Rodrigues*

Analizamos duas publicações que contêm desenhos das artistas Cecília Meireles (1901-1964) e Noemia Mourão (1912-1992) pensando na hipótese do livro como suporte da arte, em que tatear, folhear e ler um livro pode ser uma experiência estética que se assemelha à visita a uma exposição de arte.

Desenvolvidos com base no conceito de “Museu Imaginário”, de André Malraux (1901-1976), e nas ideias desenvolvidas pelos artistas Ulises Carrión (1941-1989) e Julio Plaza (1937-2003), os quais pensavam o livro como um objeto versátil, que apela para as sensibilidades; um objeto como síntese de linguagens, de espaços e de montagem de espaços, que, na forma como é concebido, apresenta diferentes tipologias, entre elas, as que permitem que ele seja um suporte para a arte, um objeto que torna possível a presença daquilo que está ausente, tal qual uma pintura que não se pode ver presencialmente, mas que se pode ter acesso por meio da reprodutibilidade técnica mencionada por Walter Benjamin (1936), considerada sua limitação.

Cecília Meireles e Noemia Mourão foram mulheres que se destacaram na cultura nacional nos anos 1930. Fizeram parte da segunda geração modernista e viveram sob a política do Estado Novo, na era Vargas. Os livros analisados foram publicados no contexto da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), patrocinados por Instituições Bancárias, impressos em baixa tiragem, distribuídos gratuitamente, e ambos abordam temas caros ao contexto contemporâneo, a saber: a formação da cultura brasileira, os povos indígenas e os negros.

Cecília Meireles publicou o livro *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e de ritmo*, 1926-1934, pela primeira vez, em 1983. Trata-se de uma coletânea de desenhos produzidos por ela entre 1926 e 1934, que retratam negros e negras com suas vestimentas, acessórios e objetos típicos, em referência à ancestralidade africana dos mesmos, tanto no contexto do carnaval quanto no do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, local onde ela vivia. Expressivos e com traços modernos, os desenhos de Cecília Meireles foram expostos pela primeira vez na Pró-Arte, no Rio de Janeiro, em 1933, mesmo ano em



Baiana. Nanquim e grafite sobre papel, ass., 1933, 31x30cm. Reproduzida no livro *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e de ritmo, 1926-1934*, de Cecília Meireles, publicado pela FUNARTE e patrocinado pelo Crefisul, Rio de Janeiro, 1983. p. 23.

que Gilberto Freyre (1900-1987) publicou *Casa Grande & Senzala*, obra que analisa a contribuição do negro na cultura brasileira. Em 1934, Cecília Meireles viajou para Portugal, para fazer três conferências em Lisboa. Por ocasião da sua segunda conferência, intitulada *Batuque, samba e macumba*, expôs novamente seus trabalhos como uma espécie de “legenda” para os seus estudos sobre gesto e ritmo. No projeto gráfico do livro elaborado por Fernanda Correia Dias, sua neta, em edição patrocinada pela FUNARTE e pelo Banco Crefisul, é possível constatar a presença dos desenhos remanescentes dessas exposições realizadas por Cecília Meireles, os quais foram organizados de tal forma que dialogavam com a conferência por ela proferida em 1934, buscando deixá-lo como a artista o teria imaginado.

Arte Plumária e Máscaras de Dança dos Índios Brasileiros (1971), com desenhos de Noemia



Estampa 58. Índio Tuiuca. Apresentando grande enfeite de cabeça, da qual caem grandes pingentes ornamentais. Braçadeira com longo pingente de penas de arara e papagaio. Da cintura pendem dois ramos de fôlhas. Colar de contas de sementes e cilindro de quartzo polido. Acompanha uma flauta. Reprodução do livro *Arte Plumária e Máscaras de Dança dos Índios Brasileiros*, de Noemia Mourão, impressas nas oficinas de Artes Gráficas Bradesco, São Paulo, 1971.

Mourão, foi pensado como o primeiro livro de uma série consagrada às manifestações das artes visuais brasileiras. A introdução foi escrita por Gilberto Freyre. Nele constam 70 pranchas coloridas, no tamanho 37 x 52 cm, mapas e descrições sobre as tribos representadas. Foi produzido em papel offset e apresentado em duas versões: encadernado e em folhas soltas, impressas nas oficinas de Artes Gráficas Bradesco, totalizando 300 exemplares numerados e assinados pela artista. Também foi realizada a versão para língua inglesa, visto que havia a perspectiva de ser lançado também em Paris, Nova Iorque, Roma e Londres. A intenção de Noemia Mourão era divulgar a riqueza plástica da indumentária de algumas tribos indígenas brasileiras. Seus desenhos possuem traços leves e modernos, característicos das gravuras que produzia.

É possível encontrar pontos em comum entre Cecília Meireles e Noemia Mourão. Ambas foram mulheres muito prolíficas em sua produção artística e intelectual em uma época em que as mulheres estavam conquistando espaços majoritariamente ocupados por homens e, para poderem exercer suas profissões, enfrentavam diversos obstáculos e preconceitos.

Cecília Meireles foi jornalista, pintora, poeta e educadora. Embora tenha sido uma escritora reconhecida em vida, não chegou a ocupar uma cadeira da Academia Brasileira de Letras. Noemia Mourão, por sua vez, foi ilustradora, gravurista, pintora e cenógrafa, com atuação relevante nas artes visuais. Sérgio Milliet referia-se a ela como a “Marie Laurencin brasileira”. Assis Chateaubriand denominava-a “Debrezinha”. Embora tenha sido aclamada pelos figurinos que produziu para o Ballet IV Centenário de São Paulo, é um nome que carece de atenção na Historiografia da Arte Brasileira.

Cecília Meireles foi casada com Fernando Correia Dias (1982-1935), importante ilustrador, artista e designer luso-brasileiro, com quem mantinha também grande afinidade artística. Noemia Mourão, igualmente, foi grande parceira artística do



Baiana. Aquarela e grafite sobre papel, ass., 1933, 26,5x36,5cm. Reproduzida no livro *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e de ritmo*, 1926-1934, de Cecília Meireles, publicado pela FUNARTE e patrocinado pelo Crefisul, Rio de Janeiro, 1983. p. 29.

pintor Emiliano Di Cavalcanti (1897-1986), com quem viveu matrimonialmente entre 1933 e 1947; ambos foram ilustradores de revistas e livros.

Há registros de que Cecília Meireles e Noemia Mourão participaram das mesmas exposições ao menos em três ocasiões: a primeira, em 24 de junho de 1933, em uma "tarde modernista" em homenagem a Graça Aranha, na inauguração do Studio Nicolas, no Rio de Janeiro, com a participação de Tarsila do Amaral, Adriana Janacopolos, Bella Paes Leme, Brecheret, Portinari, Di Cavalcanti, Cícero Dias, Ismael Nery, Fritz Gomide e outros; a segunda e a terceira, ocorreram também em 1933 e foram promovidas pela Sociedade de Artistas e Amigos das Bellas Artes, no 3º Salão Pró-Arte, no Rio de Janeiro, em julho, e em São Paulo, em agosto.

Cada vez mais, fica evidente o interesse de ambas as artistas pela formação da cultura brasileira. Cecília Meireles foi folclorista, observadora atenta às manifestações populares e suas origens, visíveis em Batuque, Samba e Macumba. Noemia Mourão, por outro lado, desenvolveu uma investigação ampla sobre os grupos indígenas que ela representou, o que incluiu a realização de pesquisa nos arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro e no Museu Paulista, assim como visitas a alguns desses povos.

Os desenhos originais reproduzidos nos livros, tanto no de Cecília Meireles como no de Noemia Mourão, perderam-se ou estão dispersos em coleções particulares. Inclusive, é sob este aspecto que os livros estudados se assemelham a exposições de arte.

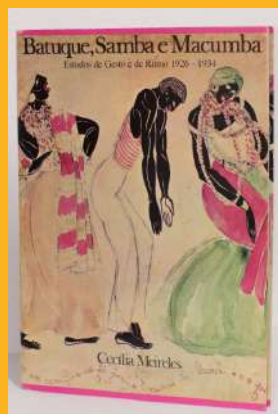
Além disso, o livro de Cecília Meireles, Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e de ritmo,

1926-1934, tem sido fonte de pesquisa para estudiosos que se debruçam sobre a representação do negro. Atualmente, é possível encontrar edições publicadas pelas editoras Martins Fontes (2003) e Global (2019), realizadas a partir da primeira edição, de 1983. O livro de Noemia Mourão, Arte Plumária e Máscaras de Dança dos Índios Brasileiros, por sua vez, é raro, não há republicações, porém, é pouco conhecido e nem mesmo foi possível encontrar outras informações sobre o mesmo.

No momento, a pesquisa ainda está sendo desenvolvida, mas se pretende que a tese seja defendida em 2023. Espera-se que ela venha a contribuir não apenas com as pesquisas em arte e às discussões sobre os temas nela desenvolvidos, especialmente no que concerne à presença da mulher, dos povos indígenas e do negro na arte e na cultura brasileiras e a identidade nacional, trazendo luz a um tema tão importante e tão pouco pesquisado sob o viés das artistas estudadas.

* Wladimir Wagner Rodrigues (wladimirwagner@usp.br) é doutorando em Artes pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (PGEHA/USP). Vencedor do Prêmio Vídeo de Pós-Graduação da USP CICLO 22.

[Clique aqui para assistir o vídeo.](#)



Sobrecaixa do livro Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e de ritmo, 1926-1934, de Cecília Meireles, publicado pela FUNARTE e patrocinado pelo Crefisul, Rio de Janeiro, 1983.



Sobrecaixa do livro Arte Plumária e Máscaras de Dança dos Índios Brasileiros, de Noemia Mourão, impressas nas oficinas de Artes Gráficas Brasdesco, São Paulo, 1971.